

Serviço Social, saúde mental e racismo: uma experiência extensionista no HSM de Messejana

Adria Araújo Sales Barros¹

¹Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE, Brasil

e-mail: adria.barros@aluno.uece.br

Sabrina Nicole de Sousa Nunes²

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE, Brasil

e-mail : sabrina.nicole@aluno.uece.br

Ana Larissa de Brito Braga³

³Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados,

e-mail: larissa.braga@aluno.uece.br

Bianca Ribeiro de Almeida⁴

Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, e-mail:

bia.ribeiro@aluno.uece.br

Tahiana Meneses Alves⁵

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE,

Brasil E-mail: tahiana.meneses@uece.br

RESUMO. Este resumo objetiva expor como se executa o projeto de extensão *Serviço Social, Saúde Mental e Sociedade* (UECE), desenvolvido no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM), no qual visa a discussão e o reconhecimento das determinações sociais em saúde. Trabalhamos a partir do primeiro eixo temático, “ouvir vozes”, no qual é voltado para a realização de atividades de escuta qualificada e rodas de conversa. Apresentaremos aqui os resultados obtidos a partir da discussão sobre o racismo e seus impactos no sofrimento psíquico com os/as usuários/as, reafirmando o compromisso ético-político do Serviço Social e as construções obtidas a partir da Reforma Psiquiátrica.

Palavras-chave: Saúde Mental. Racismo. Serviço Social.

1. INTRODUÇÃO

O campo da saúde mental constitui um espaço fundamental de atuação do Serviço Social, especialmente no contexto brasileiro, marcado pela Reforma Psiquiátrica e pela luta antimanicomial. Tais transformações apontam para a necessidade de superar práticas excludentes e violadoras de direitos, priorizando o cuidado em liberdade, a valorização da experiência dos sujeitos e a construção de vínculos sociais. Nesse cenário, a extensão universitária emerge como um instrumento essencial de articulação entre teoria e prática, permitindo que estudantes aprofundem reflexões críticas e contribuam para a efetivação de direitos no cotidiano institucional (Alves et al, 2025).

O projeto de extensão Serviço Social Saúde Mental e Sociedade, vinculado à Universidade Estadual do Ceará, atua no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM), em Fortaleza-CE, desenvolvendo atividades voltadas ao acolhimento, à escuta qualificada e à discussão crítica dos determinantes sociais do adoecimento psíquico. Entre essas atividades, destacam-se as rodas de conversa, que se configuram como espaços coletivos de diálogo, fundamentados na educação popular em saúde e inspirados nos círculos de cultura de Paulo Freire (1987), privilegiando a oralidade, a escuta ativa e a construção horizontalizada de saberes.

No desenvolvimento dessas rodas, a escolha da temática do racismo surgiu como estratégia para compreender de que forma os usuários percebem, elaboram e expressam esse fenômeno em suas falas. A proposta não se limita a transmitir informações, mas a criar um espaço de escuta em que as percepções, sejam elas críticas, ingênuas ou mesmo permeadas por estereótipos, revelam como a questão social se manifesta no cotidiano dessas pessoas. O racismo, enquanto expressão histórica e estrutural da desigualdade brasileira, atravessa subjetividades e territórios, impactando trajetórias de vida e contribuindo para situações de sofrimento psíquico que, muitas vezes, culminam na internação psiquiátrica (Barros et al, 2014).

Assim, ao abordar essa temática, buscamos tanto instigar reflexões coletivas quanto reconhecer nas falas dos usuários os efeitos do racismo como fator de adoecimento, reafirmando o compromisso ético-político do Serviço Social em problematizar as múltiplas dimensões da questão social e construir práticas de cuidado pautadas na dignidade e nos direitos humanos.

2. METODOLOGIA

As atividades realizadas em rodas de conversa com os usuários possuem dinâmicas lúdicas que atuam de forma introdutória para a temática abordada. Utilizamos cartazes com imagens de atores/atrizes e famosos no geral e perguntamos: “quem é o médico?”, “quem é o/a mais bonito(a)?”, “com quem você namoraria?”. E, posteriormente, lançamos as perguntas disparadoras “qual a cor da sua pele?”, “você já passou por alguma situação ruim por causa da cor da sua pele? Ou do seu cabelo?”, “Você acha que as pessoas são tratadas de forma diferente por causa da cor da pele ou do estilo do cabelo?”. Para finalizarmos, colocamos uma música que trata da temática apresentada. Direcionando para as expressões da questão social, entendemos como o racismo pode estar diretamente relacionado ao processo de adoecimento psíquico.

Entretanto, é válido ressaltar nossa atenção para todas as etapas de execução da atividade, visto que estamos atuando com pessoas em adoecimento mental. Portanto, é necessário identificar situações que possam ser consideradas “gatilhos emocionais” e que possam trazer alguma piora no tratamento. Assim, em momentos da atividade, fez-se necessário a mudança no roteiro das perguntas, como também na escolha da música final.

O processo contemplou três etapas principais: a escuta qualificada durante as rodas de conversa, a sistematização das discussões e, por fim, a instrumentalização por meio de entrevistas orientadas pelas dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa do Serviço Social.

A análise do material coletado fundamentou-se a partir das reflexões e percepção dos usuários que nos possibilitou uma base crítica para a compreensão do contexto histórico, das contradições e mediações necessárias para prática profissional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender a importância do projeto de extensão desenvolvido no HSM, destaca-se sua relevância como espaço de análise e mediação para a formação acadêmica e para o exercício profissional do Serviço Social. O projeto permite evidenciar os contextos históricos vivenciados sobre racismo pelos usuários, possibilitando reflexões críticas e observações fundamentais para o debate proposto.

A realização da roda de conversa evidenciou a potência dessa metodologia no contexto hospitalar, sobretudo pela capacidade de mobilizar os usuários a participarem ativamente. Desde a apresentação inicial, observou-se receptividade e interesse dos participantes, que se sentiram à vontade para compartilhar opiniões, vivências e interpretações sobre o tema. As dinâmicas, ao invés de funcionarem apenas como atividades lúdicas,

atuaram como disparadores de reflexão, trazendo à tona representações sociais que dificilmente surgiram em uma conversa convencional.

Assim, torna-se fundamental ressaltar a importância de discutir o racismo dentro do espaço hospitalar, onde grande maioria dos usuários é composta por pessoas negras, que por muitas vezes não se reconhecem como tal. Esse processo de negação identitária pode estar relacionado diretamente aos estigmas raciais enraizados socialmente, assim como a normalização de desigualdades históricas. Ao possibilitar reflexões sobre a questão racial e o pertencimento enquanto pessoa negra, as rodas de conversa estimulam o autoconhecimento e abrem caminhos para a construção identitária dos sujeitos, fortalecendo a autoestima e o senso de pertencimento social.

A realidade vivida no ambiente manicomial consegue dialogar com a análise exposta no “Censo psicossocial dos Moradores de São Paulo: Um olhar sob a perspectiva racial”, que evidencia como a questão racial atravessa de modo significativo as trajetórias dos sujeitos institucionalizados (Lopes, 2014). Dessa forma a discussão sobre racismo nos espaços hospitalares psiquiátricos não apenas amplia a concepção das desigualdades estruturais, mas também contribui para o processo de emancipação individual, social e política dos usuários.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise e visitas ao hospital foi possível reafirmar a importância das rodas de conversas, como ferramenta essencial para provocar reflexões coletivas, especialmente ao abordar discussões como a do racismo e colocá-lo como fator estruturante do adoecimento psíquico. O diálogo construído com os(as) usuários(as) possibilitou a troca de vivências, percepções e identidades que muitas vezes permanecem silenciadas, abrindo caminho para processos de autoavaliação e reconhecimento.

Na roda de conversa realizada na U4 da ala masculina foi possível observar avanços quanto ao processo de conscientização racial dos sujeitos. Em algumas dinâmicas realizadas durante a visita, foi observado uma certa abertura para romper com os estereótipos tradicionais de pessoas negras quanto às profissões, inclusive reconhecendo-as em diversos papéis sociais. Entretanto, na atividade voltada aos padrões de beleza, foi exposto uma forte predominância da preferência das mulheres brancas, revelando a persistência da branquitude como ideal estético hegemônico diante das relações afetivas.

Ao longo dos debates na unidade do hospital, surgiram relatos de racismo vividos pelos pacientes, como abordagens policiais violentas mesmo quando estavam “bem-vestidos”. Esses relatos mostram a gravidade e recorrência da discriminação racial no cotidiano e as consequências diretas na autoestima e oportunidade de vida dessas pessoas. Contudo, também foram feitas falas que minimizam ou naturalizam o racismo, como forma de “brincadeira”. Tais discursos revelam a presença do racismo estrutural nas relações sociais, e que muitas vezes leva pessoas negras a negarem suas próprias dores como forma de defesa frente à violência estrutural imposto a eles. Outro ponto relevante foi a dificuldade dos(as) usuários(as) para se reconhecerem enquanto pessoas negras, assim, preferindo se identificarem como pessoas “morenas” ou “pardos”. Essa recusa demonstra a ausência de letramento racial e a perpetuação de significados pejorativos historicamente referentes à palavra “negro”.

As dinâmicas aplicadas demonstraram avanços na percepção identitária desses sujeitos quanto na ruptura de percepções estruturalmente preconceituosas diante de questões raciais que perpetuam a sociedade brasileira. Ao mesmo tempo que revelam os desafios persistentes no processo de conscientização racial e na importância de práticas profissionais e acadêmicas no campo da saúde mental, assim, incorporando discussões sobre o racismo, identidade e pertencimento, reunindo elementos para a construção de políticas públicas mais justas, inclusivas e comprometidas com os direitos humanos.

4. REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- BARROS, Sônia; BATISTA, Luís Eduardo; DELLOSI, Mirsa Elizabeth; ESCUDER, Maria Mercedes L. Censo psicossocial dos moradores em hospitais psiquiátricos do estado de São Paulo: um olhar sob a perspectiva racial. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1235-1247, out./dez. 2014. DOI: 10.1590/S0104-12902014000400010. Acesso em: 26 ago. 2025.
- ALVES, Tahiana Meneses; BENTES, Bruna Rayanne Pinheiro; MOTA, Matheus da Costa; BRAGA, Ana Larissa de Brito. SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE MENTAL E SOCIEDADE: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DO CEARÁ. *Serviço Social em Perspectiva*, Montes Claros, v. 9, n. 1, p. 279–296, jan./jun.2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/8311>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- .DEL SARTO, Sabrina Melo. A vida social de moradores permanentes de um Hospital psiquiátrico. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 45, n. 2, p. 76–92, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.5831>. Acesso em: 26 ago. 2025.